

# ABORDAGENS SOBRE A CATEGORIA REGIÃO NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Auro de Jesus Rodrigues<sup>1</sup>

José Adailton Barroso da Silva<sup>2</sup>

Rita de Cássia Amorim Barroso<sup>3</sup>

José Daniel Vieira<sup>4</sup>

Raphael Luiz Macêdo Fontana<sup>5</sup>

Geografia



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

Há muitos estudos, debates e reflexões sobre o conceito de *região geográfica*. Pode-se dizer que a categoria região passou por vários momentos de redefinição conceitual no interior da Geografia desde sua gênese, com a Geografia Moderna (Geografia Tradicional), até chegar aos dias atuais com as Geografias Contemporâneas. É importante ressaltar que essas redefinições conceituais estarão atreladas ao contexto das “Escolas” e “Correntes”. Assim sendo, o presente trabalho consiste em analisar as abordagens da categoria região, na história do pensamento geográfico. Elaborado através de uma pesquisa bibliográfica por membros do grupo de pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano (UNIT).

## PALAVRAS-CHAVE

Região. Geografia. Escolas. Correntes.

## ABSTRACT

There are many studies, debate and reflection on the concept of geographic region. It can be said that the category region experienced several moments of conceptual redefinition within the Geography since its genesis, with the Modern Geography (Geography Traditional), until the present day with the Contemporary Geographies. Importantly, these conceptual redefinitions will be linked to the context of the "Schools" and "Chains". Therefore, the present study consists in analyze the approaches of category region in the history of geographical thought. Prepared by a literature search of members of research group: State, Capital and Urban Development (UNIT).

## KEYWORDS

Region. Geography. Schools. Currents.

## 1 INTRODUÇÃO

A produção do espaço geográfico sob as relações capitalistas de produção tem produzido espaços desiguais e inter-relacionados decorrentes, principalmente, da ação do Estado e do capital que produz espaços com níveis diferenciados de desenvolvimento. É possível encontrar no espaço geográfico países, regiões, lugares com níveis diferenciados de desenvolvimento.

É importante ressaltar que o espaço geográfico não é só resultante da produção social, mas é, também, resultante da ação da natureza, transformando este espaço. Assim, tem-se, portanto, um espaço historicamente resultante da dialética sociedade-natureza. O espaço geográfico é construído e reconstruído na relação sociedade-natureza.

Na história das sociedades humanas, elas se organizaram de modos diversos e formaram patrimônios tecnológicos e culturais próprios, conforme o modo de se apropriar da natureza; delimitaram a área da superfície terrestre que ocupavam e produziram, cada qual à sua maneira, configurando espaços geográficos diferenciados. Com essas diferenciações é possível falar em regiões. Mesmo com o processo de globalização que vivemos nos dias atuais este processo não eliminou as diferenças regionais, tornando-se a região categoria de estudo da ciência geográfica.

Há muitos estudos, debates e reflexões sobre o conceito de *região geográfica*. Pode-se dizer que a categoria região passou por vários momentos de redefinição conceitual no interior da Geografia desde sua gênese, com a Geografia Moderna (Geografia Tradicional), até chegar aos dias atuais com as Geografias Contemporâneas. Essas redefinições conceituais estarão atreladas ao contexto das "Escolas" e "Corren-

tes” geográficas, serão construídas ou redefinidas, levando-se em consideração o contexto histórico-espacial, na relação sociedade-natureza.

Assim sendo, o presente trabalho consiste em analisar as abordagens da categoria região, na história do pensamento geográfico. Elaborado por meio de uma pesquisa bibliográfica por membros do grupo de pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano da Universidade Tiradentes (UNIT).

## 2 A CATEGORIA REGIÃO NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

O termo região deriva do latim *regere*, sendo formada pelo radical *reg*, que originou palavras como regente, regra etc. Segundo Gomes (1995, p. 50), o termo *regione* já foi utilizado, nos tempos do Império Romano, para designar áreas que, mesmo com administração local dotadas de certa autonomia, estavam subordinadas às regras gerais e hegemônicas das magistraturas sediadas em Roma.

Antes mesmo da Geografia se tornar ciência a palavra região já existia; também, não é um termo exclusivo da geografia. Gomes (1995, p. 49-54), apresenta, por exemplo, outros três domínios da noção de região:

- noção de região no senso comum ou popular, está relacionada a dois princípios fundamentais: o de *localização* e o de *extensão*, utilizada para indicar a associação referente à localização e à extensão de um fenômeno, por exemplo, a região mais pobre, a região montanhosa, a região dos mangues, a região da cidade X; a noção é a de uma determinada área onde há o domínio de determinadas características que a distingue de outras áreas; não há uma análise científica para a definição e/ou determinação da região;
- noção de região administrativa: a divisão regional é uma forma pelo qual se exerce a hierarquia e o controle na administração dos Estados; a noção é a de criação ou divisão de áreas sob o enfoque do planejamento, gestão e controle do Estado; é importante destacar que muitas empresas capitalistas, também, utilizam essa noção de região para delimitar áreas estratégicas para atuação e gestão de seus negócios;
- noção de região em outras ciências: em outras ciências, por exemplo, geologia, biologia, oceanografia, climatologia, também, está relacionada à associação referente à *localização* e à *extensão* de um determinado fenômeno; nesse caso, sob fundamentos científicos. O emprego da noção de região está bem próximo de sua etimologia, área sob certo domínio de um fenômeno que a define.

Na geografia, os primeiros estudos da categoria *região* foi a partir do século XVIII, com o surgimento do Estado Moderno, quando geógrafos consideraram

as bases políticas como inadequadas para a delimitação e descrição de “áreas” e buscaram áreas “mais naturais”.

A Geografia Moderna (ou Tradicional) irá surgir como ciência no século XIX, na Alemanha, inicialmente, com as grandes contribuições de dois cientistas alemães – Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859). Esses são considerados, fundadores da Geografia, decorrente do caráter sistemático e metodológico que vão dar à mesma, possibilitando esta ser considerada uma ciência Moderna.

É, também, da Alemanha que aparecem as primeiras cátedras dedicadas a essa disciplina; é de lá que vêm as primeiras propostas metodológicas e a formação das primeiras correntes de pensamento na Geografia (MORAES, 2005).

Também, é na Alemanha que vai surgir a Escola do Determinismo Ambiental, tendo como seu principal idealizador e praticante Friedrich Ratzel (1844-1904), que publicou em 1882, a obra, *Antropogeografia: fundamentos da aplicação da Geografia à História*. Em decorrência desta obra é considerado como o fundador da Geografia Humana, tendo em vista ao grande enfoque que dá ao homem. Mas, é mister saber que, este enfoque, está relacionado à influência que o homem sofre em decorrência do meio natural em que vive. Estuda o desenvolvimento dos povos sob a influência do meio natural.

Contrário ao determinismo ambiental alemão opunha-se na França, século XIX, Vidal de La Blache (1845-1918). Este criticou a geografia alemã nas formulações naturalistas, defendendo as possibilidades de decisões humanas frente às condições do meio natural.

Vidal fundou a escola francesa de geografia denominada de “Escola Possibilista”, termo utilizado e divulgado por Lucien Febvre. Formou discípulos que passaram a ocupar as cátedras desta disciplina, nas várias universidades francesa, e a atuar em diversos países do mundo.

Segundo Moraes (2005), em seus estudos, La Blache vai conceber o objeto da Geografia como a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem, sendo o homem um ser ativo, ele sofre a influência do meio natural, mas, também, atua sobre este, transformando-o. Neste processo, o homem cria formas sobre a superfície terrestre. Com Vidal, a natureza passou a ser vista como possibilidade para a ação humana.

Em seus estudos La Blache, enfatiza a importância da geografia no estudo da superfície terrestre a partir das suas diversas partes, a *região*, considerando a inter-relação dos fenômenos naturais e humanos. A partir da inter-relação desses fenômenos era possível delimitar as diversas regiões do globo terrestre. Era necessário procurar saber, por exemplo, a combinação entre o relevo, o solo, a vegetação, o clima, a agricultura, a população, a indústria, para a delimitação da região.

Vidal vê a região como resultante do estudo da paisagem. A região é uma realidade objetiva que pode ser observada e delimitada pelo observador. A região existia, independente do observador, e era preciso delimitá-la em campo, a partir da observação da paisagem.

A região seria, portanto, uma unidade espacial que apresenta uma individualidade específica, diferente em relação às suas áreas limítrofes. Pela observação, seria possível delimitá-la e localizá-la (MORAES, 2005).

Segundo Correa (2000) a região geográfica, em La Blache, tem seus limites determinados por diversos componentes, por exemplo: uma fronteira pode ser o clima, outra o solo, outra ainda a vegetação. O que importa é que haja uma combinação específica da diversidade, uma paisagem que acabe conferindo singularidade a uma determinada região.

Vidal é considerado o fundador da Geografia Regional francesa. A Escola Francesa de Geografia não formava uma única vertente. Pode-se admitir que havia divergência entre seus principais mestres, mas, de forma geral eles estavam voltados ao estudo da *região* e a dar continuidade às propostas de Vidal de La Blache.

Para Andrade (1987), os principais mestres da geografia francesa, caracterizavam-se, especialmente, por uma orientação ideográfica, apresentando uma posição política conservadora, encoberta por neutralidade científica. Também, foi dada grande importância à descrição, todavia, não menosprezando a explicação. Estavam muito ligados à Universidade e à formação cultural.

Outra Escola Geográfica que surge no início do século XX e foi, por alguns autores, denominada de "Geografia Racionalista". Ela tem como os principais representantes Alfred Hettner (1859-1941) e Richard Hartshorne (1899-1992). Buscou-se desenvolver uma geografia de menor carga empirista e privilegiar o raciocínio dedutivo.

Hettner vai propor a Geografia como a ciência que estuda "a diferenciação de áreas", ou melhor, a ciência que objetiva explicar "por que" e "em que" diferem as diversas partes (regiões) da superfície terrestre. Considera que o caráter singular das diferentes parcelas do espaço decorre da particular forma de inter-relação dos fenômenos. A Geografia seria, assim, o estudo dessas formas de inter-relação dos fenômenos, na superfície terrestre.

As ideias de Hettner encontraram pouca divulgação em sua época. Provavelmente, em função da disputa vigente entre o *determinismo* e o *possibilismo*. Somente a partir dos anos 1940, especialmente nos Estados Unidos, as ideias de Hettner voltaram a ser retomadas e valorizadas, tendo no centro dessa valorização um renomado geógrafo norte-americano, Richard Hartshorne.

Hartshorne, geógrafo, lecionou na universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos. Procurou desenvolver reflexões sobre a natureza da Geografia, como ciência, em dois livros, *A natureza da Geografia*, publicado em 1939, que trata da evolução do pensamento geográfico; e, *Questões sobre a natureza da Geografia*, publicado em 1959, que revisa suas posições de vinte anos antes e apresenta o conteúdo final de sua proposta.

Para Hartshorne, as ciências se definiriam por métodos próprios. Assim, a Geografia se individualiza como ciência por motivo de sua forma específica de analisar a realidade. O método geográfico decorre do fato dessa ciência trabalhar com a variação dos fenômenos na superfície terrestre. A Geografia deveria buscar o estudo das inter-relações entre fenômenos heterogêneos, apresentando-as numa abordagem sintética. A partir das inter-relações entre os fenômenos explicar a variação das diferentes áreas da superfície da Terra (MORAES, 2005).

A área (região) seria uma unidade da superfície terrestre delimitada pelo observador. Essa delimitação é feita a partir da escolha do observador. Dependendo dos elementos selecionados, a delimitação será diferente. A área é construída subjetivamente pelo pesquisador, a partir dos dados escolhidos; diferente da região que era visto como realidade exterior ao observador (La Blache). Assim, a singularidade de cada área seria dada pela integração de fenômenos inter-relacionados, a partir da escolha do observador (MORAES, 2005).

Em Hartshorne a *região "área"* é uma construção intelectual segundo objetivos traçado pelo pesquisador e, como tal, pode variar em sua delimitação de acordo com os objetivos do pesquisador.

Na metade do século XX ocorreram várias transformações políticas, econômicas sociais, filosóficas, científicas e tecnológicas no mundo. Essas mudanças atingiram a ciência geográfica, provocando um processo de renovação ou mudanças. A partir da década de 1950, a Geografia Tradicional entra em declínio e, na década de 1970, encontra-se quase que praticamente extinta. A partir da década de 1950 a Geografia partirá para novos caminhos.

A partir da metade do século XX surgem movimentos de renovações da Geografia.

Essa renovação vai provocar debates e reflexões dos geógrafos sobre a natureza da Geografia, a reformulação dos seus fundamentos científicos e filosóficos e a busca de novos caminhos para a Geografia. Nesse sentido, a categoria *região*, novamente, será redefinida de acordo com as novas correntes geográficas.

Podem-se agrupar as correntes geográficas, a nível esquemático, para a análise da região: *Geografia Teórico-Quantitativa*, fundamentada no neopositivismo; *Geo-*

*grafia Crítica ou Radical*, sob as bases da dialética materialista; *Geografia Humanista*, com grande viés para a fenomenologia.

É necessário esclarecer que essas correntes fazem parte das geografias contemporâneas. Mas, há ainda, outras correntes. Todavia, optou-se em abordar a categoria região no contexto das três citadas acima, tendo em vista a grande repercussão e produção científica, das mesmas, na geografia.

A Geografia Teórico-Quantitativa ou Nova Geografia busca um maior rigor na utilização da metodologia científica na pesquisa geográfica. Busca uma renovação metodológica por meio da utilização de novas técnicas e de uma nova linguagem para serem trabalhadas no planejamento. Os estudos geográficos não devem só explicar o existente e o acontecido, mas ser capaz, também, de propor previsões, um estudo prospectivo no planejamento do espaço geográfico. E, por essa razão, o resultado do trabalho geográfico deve ser capaz de prever o estado futuro dos sistemas de organizações espaciais e contribuir, de modo efetivo, para alcançar o estado mais condizente para as necessidades humanas.

Essa corrente desenvolve-se, principalmente, entre as décadas de 1960 e 1970, e se caracteriza pela utilização de modelos matemático-estatísticos. Rompeu com a Geografia Tradicional Moderna e se apresentou como “Nova Geografia”, sem ligações com o pensamento tradicional.

A *região*, na Geografia Teórico-Quantitativa, é considerada como “um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares” (CORRÊA, 2000, p. 17).

As semelhanças e diferenças entre lugares são estabelecidas por meio de técnicas estatísticas, por exemplo, desvio-padrão, coeficiente de variação, análise de agrupamento. Em outras palavras, é a técnica estatística que permite estabelecer e delimitar as regiões. Nesse sentido, definir regiões passa a ser um problema de aplicação eficiente da estatística. A divisão regional assim concebida pressupõe uma objetividade máxima, implicando a ausência de subjetividade por parte do pesquisador.

Se as regiões são definidas estatisticamente, isto significa que não se atribui a elas nenhuma base empírica prévia. São os propósitos de cada pesquisador que determinam os critérios a serem selecionados para uma divisão regional. Se a intenção é definir regiões climáticas, utilizam-se então informações pertinentes ao clima; no caso de elas serem agrícolas, fontes relacionadas seriam usadas. Ao contrário da região de La Blache (ela existe na realidade cabe ao pesquisador delimitá-la), a da Geografia Teórico-Quantitativa não é considerada uma entidade concreta, e sim uma criação intelectual do pesquisador (CORRÊA, 2000).

A corrente Teórico-Quantitativa considera a região como um caso particular de classificação, a partir do emprego de técnicas estatísticas, desenvolvendo o conceito de organização espacial entendido como *padrão espacial*. Esse enfoque, largamente utilizado em planejamento regional, permite estabelecer *regiões homogêneas e regiões funcionais* (ou *polarizadas*).

Outra corrente geográfica que se iniciou na década de 1970 está relacionada com a Geografia Crítica ou Radical. Vários adjetivos são utilizados para caracterizar essa corrente, tais como Geografia Crítica, Geografia Radical, Geografia Social, Geografia Marxista, Geografia Nova.

Essa nova corrente criticou a Geografia Tradicional e a Geografia Teórico-Quantitativa. Considerava que estas estavam a serviço da ação do Estado e das empresas capitalistas. Propõe uma geografia das denúncias e lutas sociais, a geografia crítica ou radical, considera que não basta explicar o mundo, é preciso transformá-lo. A geografia ganhou conteúdos políticos que passaram a ser utilizados para a transformação da sociedade.

Sob influência das teorias marxistas a Geografia Crítica, objetiva abordar as relações sociais e de produção e as relações sociedade-natureza, na produção do espaço geográfico, considerando o objeto de estudo da geografia o *espaço social*.

Na Geografia Crítica, os defensores desta corrente, fundamentado no materialismo histórico e na dialética marxista, consideram a necessidade de repensar o conceito de *região* por meio das conexões entre classes sociais, Estado e capital, considerando o processo diferenciado de acumulação capitalista.

A *região*, aqui, é considerada uma *entidade concreta produto da divisão territorial do trabalho, sob os modos de produção*. No capitalismo, como o processo de acumulação do capital se dá de forma diferenciada no espaço geográfico, possibilita a formação de espaços diferenciados, às regiões. As regiões, sob a geografia Crítica, são reflexos da ação do capitalismo e do Estado. Nesse sentido, *as regiões são estabelecidas e delimitadas de acordo aos interesses do Estado e do capital*, objetivando o *planejamento, gestão e controle* dos recursos naturais, sociais e econômicos, sob uma determinada porção do espaço, a região.

A Geografia Humanista surgiu nos fins da década de 1960. Caracteriza-se por realizar estudos para explicar como o indivíduo tem a percepção do *lugar*. Objetiva compreender a percepção e o comportamento das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo ou grupo humano o lugar é aquele em que ele se encontra ambientado. Esse lugar faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e para as suas ações. Valoriza-se, portanto, o sujeito em sua relação de afetividade com o lugar vivido, o seu ambiente.

Na geografia humanista trabalha-se, principalmente, com a *fenomenologia*, a *cultura* e a *psicologia* para o entendimento do lugar, da região, da relação entre o homem e o ambiente. Busca a compreensão do homem em seu ambiente, suas experiências de vida e suas ações e realizações individuais ou coletivas.

É importante esclarecer que fundamentadas na Fenomenologia encontram-se a Geografia da Percepção, Geografia Humanística, Geografia Cultural. Estas trabalham o *lugar*, a *região*, considerando a percepção, o pensamento, os símbolos, a cultura, os sentimentos e a ação do homem em seu “mundo vivido”.

O humanismo na geografia vai trabalhar com questões de consciência regional, sentimento de pertencimento, mentalidades regionais, por exemplo. *A região é determinada pelas experiências vividas*. A região passa a ser vista como um produto do real, construída dentro de um quadro de solidariedade territorial. “Refuta-se, assim, a regionalização e a análise regional, como classificação a partir de critérios externos à vida regional. Para compreender uma região é preciso viver a região” (GOMES, 1995, p. 67).

### 3 REPENSAR A “REGIÃO” NA GEOGRAFIA

A Geografia, atualmente, é considerada uma ciência que estuda o espaço geográfico. Dentro do espaço geográfico são trabalhadas categorias, como: paisagem, lugar, região, território, fundamentais para a análise geográfica. Todavia, o espaço é a categoria mais abrangente da Geografia. Esse espaço geográfico é estudado no contexto da relação sociedade-natureza, é herança das gerações passadas e das gerações atuais para as futuras. O espaço geográfico é produto da sociedade em sua relação dialética com a natureza.

Hoje, vivenciamos a aceleração do processo de globalização a qual dá a impressão de que o mundo caminha cada vez mais para uma economia unificada. Há autores que chegam a enunciar o fim das regiões devido à homogeneização dos espaços e à uniformização dos processos sociais e econômicos. No entanto, o que se tem observado é que no capitalismo, considerando a divisão social e territorial do trabalho, a acumulação do capital tem ocorrido de forma diferenciada, produzindo espaços geográficos, também, diferenciados, mas articulados. As regiões são realizações concretas desses espaços geográficos diferenciados e articulados.

É necessário repensar a região num mundo atual de transformações, sua importância enquanto categoria de análise geográfica; é necessário repensá-la tendo em vista as desigualdades econômicas, nas mais diferentes escalas; aos processos de exclusão e inclusão sob suas diversas formas; a formação de blocos econômicos; aos avanços tecnológicos e a formação de redes em seus diversos aspectos, possibilitadas pelos meios de transportes, comunicação e informação; as questões étnicas, culturais e de movimentos sociais; aos processos de globalização e fragmentação; as crises do Estado e outros.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das diversas abordagens sobre a região (Geografia Tradicional e Geografia Contemporânea) pôde-se perceber que essa categoria esteve no centro de diversos debates e que ainda permanecem propostas de redefinição para a compreensão da dinâmica do espaço geográfico.

Nesse sentido, o “geógrafo” (pesquisador ou professor) ao desenvolver sua pesquisa ou atividades em sala de aula, no contexto da categoria *região*, deve estabelecer um conjunto de objetivos e de critérios segundo os quais o espaço geográfico será dividido, podendo ser estes critérios de ordem natural, política, econômica, social etc. Vários tipos de regionalizações para o mesmo espaço podem ser propostos, dependendo dos objetivos e critérios específicos do pesquisador. Lembrando que o processo de regionalização pode ou não considerar os limites administrativos espaciais.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- CASTRO, I. E. de (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CORREIA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FERREIRA, C. C.; SIMÕES, N. N. **A evolução do pensamento geográfico**. São Paulo: Gradiva, 1994.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E. de (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- LUCCI, Elian Alabi *et al.* **Território e sociedade**: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Saraiva, 2005.
- MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. 20.ed. São Paulo: Hucitec, 2005.
- MORAES, Antônio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia crítica**: a valorização do espaço. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- MOREIRA, Ruy (Org.). **Geografia**: teoria e crítica, o saber posto em questão. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- OLIVA, Jaime; GIAN SANT, Roberto. **Espaço e modernidade**: temas da geografia mundial. São Paulo: Atual, 1995.

- RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- RODRIGUES, Auro de Jesus. **Introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2002.
- SENE, Eutáquio de. **Globalização e espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SENE, Eustáquio; MOREIRA, João Calos. **Geografia**. São Paulo: Scipione, 2008.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SPÓSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Unesp, 2004.

---

**Data do recebimento:** 13 de abril de 2015

**Data da avaliação:** 13 de abril de 2015

**Data de aceite:** 15 de janeiro de 2016

---

- 
1. Doutorando em Geografia pela UFS/SE; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT/Sergipe. E-mail: rodriguesauro@gmail.com
  2. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe; Docente da Universidade Tiradentes; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT/Sergipe. E-mail: adailtonbarroso@gmail.com
  3. Doutoranda em Educação pela PUC/RS/UNIT/SE; Docente da Universidade Tiradentes e Secretária de Estado da Educação de Sergipe; Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT/Sergipe. E-mail: ritadte@gmail.com
  4. Graduado em Geografia pela Universidade Tiradentes (2014.2); Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT/Sergipe. E-mail: danielvieirasst@hotmail.com
  5. Graduado em Geografia pela Universidade Tiradentes (2014.2); Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Desenvolvimento Urbano – UNIT/Sergipe. E-mail: rluizmf@hotmail.com